

Índios convivem com a síndrome da AIDS

1062



Mário Jacinto foi afastado do cargo de chefe da reserva



Antes de morrer de AIDS, Flávia (à direita) manteve relações sexuais com índios da reserva

munidade, Jacinto indicou à família um médico em Bandeirantes que, segundo ele, solicitou uma bateria de exames. Porém, a memória dele parece não estar mais fresca ao ponto de não se lembrar o nome do médico e não saber ex-

plicar porque o teste da AIDS foi feito no Hospital Universitário de Londrina. O resultado deu positivo. Flávia era portadora da AIDS.

Segundo o chefe, a Funai de Londrina foi imediatamente informada sobre o problema e,

Ainda em choque, Mário Jacinto conta que alguns membros da comunidade, inclusive ele, achavam "alguma coisa estranha" em Flávia. Mas a família, sem grandes esforços, desmentia qualquer boato sobre a virilidade de Flávia. A simpatia e extrema educação da moça também contribuíam para afastar qualquer questionamento. "Ela era alegre, popular e sensível" — qualifica Mário Jacinto. Tão popular que, segundo ele, manteve contatos sexuais com alguns membros da reserva. Jacinto lembra que quando o "assunto" começou a ferver, inclusive fora da reserva, chamou Dona Laura para impor algumas condições. "Disse que se ela (Flávia) quisesse conviver na reserva teria que ter bom comportamento. Mas eu não sabia que ela era travesti e muito menos portadora do vírus da AIDS" — admite Mário Jacinto. Porém, em outubro Flávia começou a apresentar sintomas da doença — tumores, febre alta, diarreia, perda de apetite. Como chefe da co-

na semana passada, uma assistente social se dirigiu para lá "para fazer alguma coisa". O órgão em Londrina tentou manter o caso em segredo para evitar possíveis especulações. A tentativa de ensinar educação sexual aos índios da

talvez pelo mesmo funcionário, ele obteve informações de que Mário Jacinto era parente de Flávia e que, por isso, teria omitido o estado de saúde da moça. A segunda providência do administrador da Funai foi afastar temporariamente Jacinto da função de Chefe da reserva até que uma sindicância apure fatos e elabore um dossiê completo sobre a vida de Flávia desde a sua chegada na comunidade. Aliado a isso, um grupo de índios compareceu à sede do órgão para exigir a expulsão de Mário Jacinto, e da irmã e mãe de Flávia, Rosângela e Laura Augusto de Moraes.

Eles teriam colocado em risco a integridade e a saúde dos índios da reserva por omitirem tamanha "indecência", como classificou um dos componentes do grupo. E para escapar da discriminação por parte da população de Santa Amélia, o grupo solicitou — e foi atendido — exames para detectar o vírus da AIDS, que resultou realizados terça-feira. O resultado sai dentro de 15 dias.

reserva, em função da AIDS, foi feita há alguns anos pelo próprio Jacinto. Ele diz que reuniu a comunidade e explicou o que era a doença, as formas de contágio, as maneiras de se evitar, enfim, como não adquirir o HIV. "Falei aberta-

mente, até grosseiramente para não deixar dúvidas em ninguém" — diz ele. Pelo jeito não deu certo. E neste caso, a máxima de que o que vale é a intenção não teve o menor sentido. "Gostaria que fosse diferente, que os índios ficassem na reserva e que conhecessem seus parceiros aqui. Mas é difícil" — admite Jacinto.

O líder, afastado do cargo, se diz chocado com a história. Chora. "Tanta luta que a gente faz para dar um futuro melhor para esse povo... A gente passou por tantos problemas para garantir uma vida digna para todos da reserva. Mas nem tudo está perdido. Vamos levantar a cabeça e dar volta por cima. E eu já falei demais" — finaliza Jacinto. Já o administrador da Funai em Londrina, Wlamir Antônio da Silva, também ficou boquiaberto com a notícia de que Flávia era travesti e, acima de tudo, que tinha AIDS. Diz que soube do caso através de um funcionário da reserva que lhe passou informações sobre o estado de saúde da moça. "Os sintomas apresentados levaram a gente a crer que poderia ser AIDS. Fomos até a reserva e quando a vimos, a primeira providência foi encaminhá-la ao HU" — lembra Wlamir.

Na reserva indígena de Laranjinhas, uma palavra foi acrescentada à língua guarani: AIDS

Antonio Mariano Junior
Da Editoria Local

O chefe da reserva indígena de Laranjinhas, Mário Jacinto, afastado temporariamente das funções, tem dificuldades para lembrar com exatidão há quantos anos os 117 alqueires da área foram demarcados pelo Governo Federal. Logo em seguida, franze a testa e admite que os quase 160 índios guaranis que lá residem, já não convivem em harmonia desde que uma palavra passou a ser empregada forçosamente na língua de origem: AIDS. A síndrome chegou à reserva, localizada a 10 quilômetros do município de Santa Amélia, dentro de uma moça morena, alta, roliça, extremamente educada e de descendência Guarani.

Porém, no último dia 13, Flávia, a moça morena, foi velada na reserva sem qualquer ritual indígena, mas num clima de comoção. O caixão, que chegou lacrado, quando foi aberto deixou toda a reserva indignada: a moça bonita estava desfigurada, com barba por fazer e, como nunca, com as feições masculinas ressaltadas. Estavam velando, na verdade, Roberto de Moraes, 32 anos, filho de Dona Laura Augusto de Moraes, monitora da escola da reserva, e irmão de Rosângela, a enfermeira do posto de saúde local. Flávia era um travesti.

A mãe de Flávia guardou por 30 anos o segredo do filho

Cobrindo o rosto com as mãos, Dona Laura Augusto de Moraes, 56 anos, lamenta e chora a morte da "filha" Flávia. Depois de alguns minutos de silêncio, enxuga as lágrimas, levanta a cabeça e com voz firme diz que é uma mulher sem meias palavras. "Eu não poderia tocar minha filha da reserva porque era o meu sangue guarani que corria em suas veias" — desabafa. Ela sempre teve a certeza de que o segredo, guardado por mais de 30 anos, seria levado para o túmulo e não somente o corpo definhado da filha. Ela tem o diálogo na ponta da língua de como a masculinidade de Roberto Moraes veio à tona. O local: Setor de Moléstias Infecciosas do Hospital Universitário de Londrina.

- A senhora é mãe do Flávio?
- me disse uma funcionária.
- Sou mãe da Flávia.
- Nós temos um paciente, homem, com nome de Flávio.
- Eu vim trazer os documentos dela. O nome completo é Roberto de Moraes.
- Quando entrei no quarto e vi minha filha naquela situação ao lado de outras pessoas doentes, quase chorei. No dia seguinte voltei para visitá-la e uma placa perto da cama estava com o nome de Roberto. Ela estava triste



Dona Laura: "Flávia escolheu o caminho errado e pagou caro por isso"

com isso" — lembra Dona Laura. Porém, por ser carismática e "muito, muito educada", Dona Laura teve uma grata surpresa ao retornar, dias depois, ao mesmo local. Apesar da placa escrita "Roberto", os funcionários tratavam sua filha pelo "verdadeiro" nome: Flávia. Dona Laura nasceu na reserva de Laranjinha, mas aos 14 anos foi para São Paulo, onde se casou com

um branco. Deste relacionamento nasceram três filhos: José Carlos, Rosângela e Roberto. Porém, lembra Dona Laura, desde pequeno Roberto já queria ser mulher, condição que se acentuou aos 15 anos quando ele saiu de casa para morar com uns amigos. "Meu marido batia, pisava no pescoço dele. Eu fiz o que pude para mantê-lo com roupas masculinas. Mas não adiantava. Ele gostava de bonecas da irmã" — relembra.

Os anos se passaram e Dona Laura, apesar de alguma resistência, admitia ter não uma, mas duas filhas. Quando decidiu retornar à reserva de Laranjinha, há 6 anos, convidou Flávia para vir. O convite foi recusado. "Disse que queria morrer junto com o meu povo, andar com os pés descalços, rever minhas origens. Ela (Flávia) quis ficar em São Paulo" — afirma Dona Laura, que é monitora na escola da reserva. A filha Rosângela, que a acompanhou, é enfermeira formada e trabalha no posto de saúde do local.

Flávia se separou definitivamente da família. Em São Paulo trabalhava numa sapataria e, à noite, se apresentava em shows de transformismo. Chegou até mesmo ir para a Espanha de onde, depois de algum tempo,

mandava notícias à família. Dizia estar feliz. Mas feliz mesmo ficou Dona Laura quando, há dois anos, abriu suas portas para a filha Flávia, que havia largado tudo para "buscar as origens", na reserva de Laranjinha. Se deu bem com os demais integrantes da comunidade. "Mas eu deixei bem claro que ela não teria nenhum tipo de pecado com o meu povo. Se quisesse fazer essas coisas, que pegasse o ônibus e voltasse para São Paulo" — afirma Dona Laura.

Meses depois, aparece na reserva um jovem loiro, de olhos verdes, de nome Antônio Carlos: era o namorado de Flávia, que vinha para ficar ao seu lado. Ficou pouco, mas periodicamente fazia visitas à amada. Em outubro do ano passado, Flávia passava a ter suores, febres, tumores e perdia quilos a olho nu. A mãe, sabendo da vaidade da filha, aceitou a desculpa de que estava fazendo regime e, consequentemente, ficava fraca. Mas não era. Flávia portava o vírus da AIDS e depois de muita resistência foi levada ao Hospital Universitário de Londrina. Morreu no último dia 13. "Ela escolheu o caminho errado e pagou caro por isso" — finaliza Dona Laura. (AMJ)

Santa Amélia, uma cidade assustada com os boatos

Na pacata cidade de Santa Amélia, a 150 quilômetros de Londrina, o assunto em qualquer roda é um só: a morte da "india travesti" que estava com AIDS. A cidade, de pouco mais de 6 mil habitantes, está em pânico graças ao comentário de que Flávia teria mantido relações sexuais com algumas pessoas. "O povo está assustado" — revela o comerciante Santo Poucien, que também ouviu alguma coisa sobre "molecada e rapazes que andaram com ela". Ele se lembra perfeitamente da "negona" forte que vinha à cidade para vender sonhos e coxilhas de galinha, sempre oferecidos com um sorriso de causar inveja.

E para plorar a história, ou aumentar o folclore em cima do assunto, corre pela cidade que Flávia, por vingança, vendia os quitutes contendo "sangue contaminado". "Se alguém comer vai morrer, não é mesmo? Mas na televisão não falaram nada sobre isso. Morre ou não morre?" — pergunta Vivaldo Barreto de Brito, comerciante. O lavador de carro Mauri Martins dos Santos diz que Flávia era uma pessoa "fôla", educada, sempre com o sorriso na cara. "Era gostosona mesmo" — afirma ele.

Mauri diz que nunca desconfiou de nada, apesar da voz um pouco rouca da índia. Tanto que uma vez deu carona de Bandeirantes a Santa Amélia e "ela ficou na sua". "Flávia era engraçada e não tinha tristeza perto dela. Como a gente ia desconfiar que era travesti se isso só dá em cidade grande?" — Indaga o estudante Reinaldo Rosas Ribeiro, de 18 anos. A dona de casa Cacilda Ribeiro não esconde o temor que tem do assunto. Casada, ela ouviu dizer que Flávia tinha feito "besteira" com muita gente na cidade. "Eu só vi ela uma vez, nunca mais..." — diz ela. (AMJ)

21